



TILLIE COLE

DOCE  
LAR

SÉRIE SWEET - LIVRO 1

 essência

DOCE  
**LAR**

TILLIE COLE

DOCE  
LAR

SÉRIE SWEET - LIVRO 1

*Tradução*  
Flavia Souto Maior

 essência

Copyright © Tillie Cole, 2013

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Sweet Home*

*Preparação:* Carla Fortino

*Revisão:* Lívia Stevaux e Clara Diamant

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* Adaptada do projeto original de Damonza

*Imagem de capa:* l i g h t p o e t / Shutterstock

*Adaptação para eBook:* Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cole, Tillie

Doce lar / Tillie Cole; tradução de Flavia Souto Maior. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.  
320 p.

ISBN: 978-85-422-1246-4

Título original: Sweet Home

1. Literatura norte-americana 2. Literatura juvenil I. Título II. Maior, Flavia Souto

18-0071

CDD 813.6

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 - 21<sup>o</sup> andar

Ed. Horsa II - Cerqueira César

01411-000 - São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*Para o meu marido – juntos desde a  
adolescência, e ainda assim meu Doce Lar.  
Para o nosso time, Seattle Seahawks,  
por inspirar esta história.  
E para o povo do Alabama (principalmente  
os torcedores do Crimson Tide), por ter o  
melhor sotaque do mundo!  
Avante, Tide!*

# NOTA DA AUTORA

As fraternidades e irmandades retratadas neste livro, bem como seus processos de recrutamento e iniciação, foram exageradas e utilizadas de modo fictício, e não são, de nenhuma maneira, baseadas em práticas de nenhum grupo existente.

# PRÓLOGO

*Easington, Durham, Inglaterra*

*Catorze anos atrás...*

— Molly, venha aqui, querida. Tenho uma coisa para contar.

Minha avó estava na sala de nossa pequena casa, sentada em sua velha poltrona marrom, com a cabeça apoiada nas mãos.

Segui em frente e passei os olhos pela sala. Meu pai ainda não tinha voltado do bar. Ele estava sempre no bar desde que aquela moça assustadora que às vezes aparecia na televisão fechou as minas no ano em que nasci e meu pai ficou triste. Minha avó me contou.

Minha avó levantou a cabeça e abriu um sorriso triste. Ela tinha o sorriso mais amável que eu já tinha visto; era capaz de iluminar a sala apenas com um sorriso. Eu amava tanto a minha avó.

Quando me aproximei, notei que ela estava segurando uma fotografia antiga da minha mãe. Minha mãe morreu quando eu nasci, e minha avó e meu pai sempre ficavam chateados quando perguntava sobre ela, então não pergunto mais nada. No entanto, ainda faço questão de beijar a foto que fica ao lado da minha cama todas as noites. Minha avó disse que a mamãe me vê fazendo isso lá do céu.

— Venha aqui, minha pequena Maria-Molly. Sente no meu colo — ela disse, fazendo sinal para eu ir até onde ela estava, colocando o porta-retratos sobre o tapete vermelho.

Deixei minha mochila cor-de-rosa no chão, fui até ela e pulei em seu colo. Ela estava com cheiro de hortelã. Sempre tinha cheiro de hortelã. Eu sabia que era para disfarçar o odor dos cigarros que ela fumava escondido na viela. Ela me fazia rir quando saía apressada todas as manhãs, ainda usando os bobes cor-de-rosa nos cabelos grisalhos e o avental roxo.

Levei a mão ao rosto dela. Ela parecia chateada.

— Vovó, o que foi?

Ela pegou na minha mãozinha, e eu dei um pulo ao sentir como sua mão estava fria. Esfreguei-a entre minhas mãos e dei um beijo em seu rosto para ela se sentir melhor. Ela dizia que meus beijos doces podiam tornar qualquer problema do mundo um pouco mais fácil.

A sala estava bem silenciosa; os únicos sons eram o crepitar da lenha na lareira e o tique-taque alto do relógio de pêndulo.

Minha avó estava sempre ouvindo música, música de anos e anos atrás, e nós dançávamos diante da lareira. Não havia música tocando hoje, no entanto, e a casa parecia apagada e triste.

Olhei para o ponteiro grande do relógio e vi que ele estava no doze; o ponteiro pequeno estava no quatro. Esforcei-me para lembrar o que minha professora, a sra. Clarke, havia nos ensinado na aula. Fechei os olhos bem apertados e tentei pensar. Eles se abriram quando lembrei. Eram quatro horas. Sim! Eram quatro horas. Meu pai voltaria logo.

Tentei descer do colo da minha avó e correr para a porta para esperar meu pai enquanto ele entrava pelo portão. Ele sempre me abraçava e me girava antes de dizer que eu era a menina mais linda do mundo, assim como minha mãe. Era minha parte favorita do dia.

Escorreguei pelo joelho da minha avó, mas ela me segurou pelo braço.

— Vovó, o que a senhora está fazendo? Meu pai vai chegar logo. Ele precisa do seu abraço diário!

Minha avó respirou fundo, e água começou a escorrer de seus olhos.

— Vovó, por que está chorando? Por favor, não fique triste. Precisa de um beijo doce? Vai ajudar a senhora a se sentir melhor?

Minha avó me apertou junto ao peito, quase deixando meus óculos caírem do nariz, e o tecido de seu avental arranhou minha bochecha. Franzi o rosto para a coceira parar. Ela me afastou e se ajoelhou. Seus olhos tristes agora estavam na altura dos meus.

— Molly, preciso contar uma coisa que vai te deixar muito, muito triste. Você está entendendo?

— Sim, vovó. Eu já tenho seis anos. Sou crescida. Entendo muitas coisas. A



sra. Clarke disse que sou a menina mais esperta de *toda* a minha classe, talvez até mesmo da escola.

Minha avó sorriu para mim, mas o sorriso não chegou aos olhos. Não foi um sorriso completo. Meu pai dizia que apenas sorrisos completos mostram que alguém está realmente feliz. Ninguém deveria desperdiçar um sorriso completo em algo que não o deixasse superalegre.

— Você é esperta, querida, mas não sei a quem puxou. Você vai longe. Está destinada a deixar esta vida triste e virar alguém. É o que sua mãe e seu p-pai... gostariam. — Ela fungou e tirou o lenço cor-de-rosa do bolso. Ele era todo bordado com rosas vermelhas. Eu tinha escolhido o material no mercado duas semanas antes. Fizemos um para ela e um para mim, um conjuntinho, como minha avó gostava de dizer que nós duas éramos.

Ela levou o lenço ao nariz vermelho enquanto olhava pela janela, antes de seus olhos parecerem mudar e ela olhar para mim novamente.

— Agora, Molly, você precisa respirar fundo e ser corajosa, certo? Como eu te ensinei.

Concordei e respirei por cinco segundos pelo nariz, prendendo a respiração e soltando-a lentamente pela boca durante cinco segundos.

— Muito bem — ela elogiou, esfregando minha bochecha com o polegar.

— Vó? Onde está o meu pai? Ele está atrasado. Ele nunca se atrasa. — Ele sempre estava em casa para me ver depois da escola. Estava sempre com cheiro de cerveja, mas, afinal, ele sempre teve esse cheiro. Não seria o meu pai se não tivesse.

— Molly, aconteceu uma coisa com o seu pai hoje — ela me disse com a voz trêmula.

— Ele está doente? Devemos fazer um chazinho quando ele chegar em casa? Chá faz todo mundo se sentir melhor, não é, vovó? A senhora sempre me diz isso — eu disse, começando a sentir uma agitação estranha na barriga pelo jeito peculiar com que ela olhava para mim.

Ela fez que não com a cabeça, e seus lábios tremeram.

— Não, querida. Não vamos precisar de chá hoje. Sabe, Deus resolveu levar seu pai para o céu hoje de manhã, para ficar com os anjos.

Inclinei a cabeça para trás e olhei para o teto. Sabia que Deus vivia bem acima de nós, no céu. Mas nunca consegui vê-lo, por mais que tentasse.

— Por que Deus levaria o meu pai para longe de nós? Somos pessoas ruins? Eu fui muito desobediente? É por isso que Deus não quis que eu tivesse nem mãe, nem pai?

Minha avó me abraçou, enfiando o nariz em meus longos cabelos castanhos.

— Não, Maria-Molly, nunca, jamais, pense isso. Deus só ficou triste porque seu pai estava com muita saudade da sua mãe. Ele decidiu que era hora de eles ficarem juntos de novo. Ele sabia que você era corajosa e forte o bastante para viver sem os dois.

Pensei naquilo enquanto chupava o dedo. Eu sempre chupava o polegar quando estava assustada ou nervosa.

Minha avó tirou os cabelos da frente do meu rosto.

— Quero que saiba que em todo este planeta não existiram duas pessoas que se amaram tanto quanto sua mãe e seu pai. Quando sua mãe morreu, seu pai não sabia o que fazer. Ele amava muito você, mas também sentia saudade dela. Quando a moça na TV...

— Margaret Thatcher? — interrompi. Havíamos aprendido sobre ela na escola. Pouca gente na minha cidade gostava dela. Eles a chamavam por nomes feios. Ela deixou muita gente bem triste.

Minha avó sorriu.

— Sim, Margaret Thatcher. Quando a sra. Thatcher fechou as minas, seu pai ficou sem trabalho, e isso o deixou muito infeliz. Ele tentou por muito tempo ganhar dinheiro para comprar uma casa melhor para nós, mas ele só tinha trabalhado nas minas, e não sabia fazer mais nada. — Ela fechou os olhos. — Hoje seu pai morreu, querida. Ele foi para o céu e não vai voltar para nós.

Meus lábios começaram a tremer, e senti meus olhos ardendo com as lágrimas.

— Mas eu não quero que ele vá! Podemos pedir para Deus trazer ele de volta? O que vamos fazer sem ele? — Uma sensação pesada se espalhou em meu peito, e tive a impressão de que não conseguia respirar. Peguei na mão da minha avó e minha voz saiu áspera: — Somos só nós agora, não é, vovó? A senhora é tudo

que me resta. E se ele levar a senhora também? Eu não quero ficar sozinha. Estou com medo, vó. — Um grito alto escapou de minha garganta. — Eu não quero ficar sozinha!

— Molly... — minha avó sussurrou e me abraçou mais forte, e nós caímos no chão, chorando diante da lareira.

Meu pai tinha ido embora.

Meu pai estava no céu.

Ele não ia mais voltar.

*Universidade do Alabama, Tuscaloosa, Estados Unidos da América*

**E**u estava tão atrasada! Minha respiração era curta e ofegante enquanto eu atravessava correndo o campus da Universidade do Alabama, tentando ao máximo não cair de cara no chão.

Minhas mãos estavam lotadas de papéis para a aula de filosofia, cópias que tinham me mandado tirar havia mais de uma hora – minha primeira tarefa como assistente de professor.

A aula estava prestes a começar, mas minha infinita onda de azar garantiu que a impressora da sala dos funcionários resolvesse quebrar bem na metade da impressão das cópias, com o assobio melódico de um rangido agudo e uma nuvem reticente de fumaça.

A sala ficava do outro lado da faculdade, o que me levou ao apuro em que me encontrava – correr pelo campus gigantesco usando meus Crocs laranja nada atléticos na sauna fervente do inferno – ou, como era mais conhecido, num dia tipicamente quente do verão de Tuscaloosa.

Vislumbrei rapidamente minha imagem no reflexo de uma porta de vidro.

Nada bom. Nem um pouco bom.

Meus cabelos castanhos lembravam os pelos encaracolados de um poodle, o suor em meu nariz encorajava os óculos de armação preta e grossa, modelo padrão do sistema público de saúde britânico, a pularem do meu rosto para a morte, e meu macacão jeans curto e minha camiseta branca pareciam uma estufa.

O céu constantemente nublado da Inglaterra tinha certo apelo agora.

*Nada* parecia estar dando certo hoje – sendo a impressora com defeito o segundo de meus infortúnios, e a perturbação de minhas amigas loucas pela manhã o primeiro.

— Toga, toga, toga...! — Lexi cantava alto enquanto ela e Cass se sentavam sobre minha cama, rindo do meu desespero com a toga improvisada, levantando os braços no ar a cada palavra e gritando depois.

— Estou ridícula — reclamei, tentando ajustar o lençol em várias posições para cobrir minhas áreas mais reservadas.

— Você está gata! Seus peitos são surreais, redondos e perfeitos... — Cass tentou complementar, abrindo as mãos e fingindo apertar meus seios. — Estou te dizendo, Molls, não costumo ser chegada a xoxota, mas poderia abrir uma exceção para você com essa roupitcha! Minha nossa, você tem umas curvas deliciosas, menina!

— Cass! — eu a censurei com hostilidade, revirando os olhos. — Você precisa mesmo falar essas coisas?

— Ah, não leve tudo tão a sério, né, amore? Você está ótima. Você vai hoje à noite, sem furar. Não me obrigue a te arrastar até lá... porque eu arrasto... se precisar.

— Mas...

— Sem essa de “mas”! Nós te prometemos uma vida divertida na faculdade, não uma repetição da vida de merda que você tinha na Inglaterra. A experiência completa começa hoje à noite.

— Oxford não foi tão ruim! E como funciona essa tal “experiência”? Primeiro preciso entrar para uma maldita irmandade, e depois o quê? Coquetéis de drogas, sair dos bares totalmente chapada?

— Isso pode ser organizado, mas envolve, sobretudo, muitos homens, sexo, orgias, orgasmos... ah, e experimentações com o ponto G. Você sabe, os motivos pelos quais as pessoas entram na faculdade — Cass disse com total sinceridade.

— Entrei na faculdade para estudar, Cass, não para me prostituir com garotos de fraternidade bêbados!

Ela gargalhou.

— Que seja, amore. Você não vai pensar em estudar quando seus tornozelos estiverem em volta do pescoço de um garanhão enquanto ele te usa feito um colar, fazendo cócegas em seu umbigo por dentro!

Sabendo que Cass simplesmente ignoraria qualquer coisa que eu dissesse, mesmo que

*conseguisse pensar em alguma resposta para aquilo, fui até minha poltrona reclinável marrom e desabei sobre a almofada macia, com as mãos na cabeça.*

*— Em que fui me meter com vocês duas?*

*— Você foi se meter na melhor fase da sua vida — Lexi disse com tom de sabedoria.*

*Levantando a cabeça, espiei por entre as mãos minhas duas amigas convencidas, que se divertiam ao me observar.*

*— Vocês vão me obrigar a ir a essa merda de festa, não vão?*

*Lexi desceu da cama e pulou em meu colo, jogando os braços finos em volta do meu pescoço.*

*— É claro que vamos, querida. Você é uma de nós agora!*

*Abri um sorriso hesitante.*

*— É o que parece.*

*Cass se juntou a nós na poltrona, esmagando-me até eu gritar sob o peso das duas.*

*— Tire essa toga para eu poder costurar o tecido para você, vá para a aula, e, quando voltar, podemos dar início à diversão...*

*\* \* \**

*Dizem que coisas ruins acontecem de três em três.*

*Eu já tinha duas.*

*Só faltava uma.*

*Continuei com meu ritmo vertiginoso, quase a ponto de passar mal, adentrando as portas do prédio de Humanas, seguindo para os anfiteatros e indo direto para a sala de aula da professora Ross; minha mente me perturbava incessantemente com visões de togas dançantes desfilando diante de meus olhos.*

*Perdida demais em minha própria agitação, não notei o pequeno grupo de alunos que virava no corredor. Mas, infelizmente, aquilo logo mudou quando a ruiva de batom exagerado que estava na frente se chocou comigo – de propósito, é óbvio –, e a pilha de papéis caiu das minhas mãos e se espalhou por todo o chão de ladrilhos brancos.*

*— Oops! Preste mais atenção, querida! — ela disse com malícia. — Talvez*

precise trocar os óculos ou algo assim?

E lá estava o terceiro golpe de azar.

Eu me ajoelhei sem levantar os olhos quando ouvi uma gargalhada estridente e insolente, obviamente direcionada a mim. De imediato, tive a sensação de estar de volta ao ensino médio – os garotos populares atormentando a nerd.

Eu nunca me manifestava. Sempre ignorava os insultos desagradáveis das pessoas às minhas roupas baratas, minha falta de dinheiro ou qualquer outro motivo que tivessem para me zoar, então simplesmente resmunguei baixinho e comecei a organizar os papéis em uma pilha aleatória.

A porta do anfiteatro se fechou, e, satisfeita por estar na segurança de minha própria companhia, soltei:

— Cretinos de merda. — Foi um pouco mais alto do que o pretendido, e me encolhi quando as palavras ecoaram pelo corredor amplo e comprido.

Eu não costumava xingar muito, mas me senti justificada naquele momento, e também foi bastante catártico. Mesmo no mundo rico em vocabulário da academia, às vezes apenas a palavra “merda” satisfaz.

Segurei os papéis nos braços, sacudindo a cabeça, e me levantei. Meus malditos óculos – no processo – tinham caído do meu rosto e foram parar no chão.

Suspirei, derrotada, e decidi que realmente não devia ter me preocupado em levantar da cama pela manhã.

Ouvi uma gargalhada atrás de mim, o que me fez dar um pulo, e uma mão quente pegou em meu braço, virando-me e colocando meus óculos de volta em meu rosto.

Tentei focar e, assim que minha visão se endireitou, deparei-me com um peito largo coberto por uma camiseta vermelho-escura sem mangas, com palavras em branco que diziam “Crimson Tide Football”.

— Está enxergando agora?

Segui o som daquela fala com sotaque sulista e vi diante de mim um típico garoto do Alabama – queimado de sol, com cabelos loiro-escuros até a altura do queixo, olhos de um castanho intenso, emoldurados por cílios longos, e bem alto; talvez medisse um metro e noventa, enquanto eu tinha um e sessenta e

cinco.

Não consegui conter um suspiro.

Ele era lindo.

Realmente maravilhoso.

Saí do estado de deslumbramento e arranquei os papéis das mãos dele, tentando desviar, precisando retomar alguma aparência de compostura, ou talvez dignidade, tendo em vista que praticamente já as havia perdido nas últimas horas.

Agarrando meu pulso enquanto eu passava, o sr. Crimson Tide Football perguntou:

— Ei, você está bem?

Tentei relaxar e não ser grosseira – afinal, ele tinha me ajudado –, mas eu estava com os nervos à flor da pele, e o toque de sua mão calejada em minha pele só piorou as coisas.

Decidi atribuir essa reação incomum à desidratação ou a um caso agudo de “togafobia”.

Baixando os ombros, respondi:

— Estou.

— Tem certeza?

Soltei um suspiro longo, olhando em seus adoráveis olhos cor de chocolate, vislumbrando as manchinhas pretas quase azuladas ao redor da íris.

— Você já teve um desses dias em que tudo se transforma em um maldito pesadelo? — disse as últimas palavras bem devagar.

Ele bufou e ficou com uma expressão cômica – os lábios carnudos formando um sorrisinho torto e o nariz levemente descentralizado enrugando com o movimento.

— Estou tendo um agora, na verdade.

— Então somos dois. — Não consegui conter um sorriso relutante em resposta. Segurando com firmeza a pilha de papéis, eu disse: — Obrigada por parar e me ajudar. Foi muito gentil da sua parte.

Braços bronzeados e fortes cruzaram-se sobre seu peito largo, e deu para notar que ele estava entretido com meu nervosismo.



— Gentil não é a palavra que as pessoas costumam usar quando se referem a mim.

Com isso, ele foi embora, deixando-me sozinha no corredor amplo.

Eu me virei para ir para a aula e o cara olhou para trás, anunciando sem rodeios:

— Eu me chamo Rome.

— Molly — respondi rapidamente. Rome passou os dentes sobre o lábio superior e assentiu lentamente, olhando-me de cima a baixo com uma intensidade singularmente profunda. Então, sem dizer mais nada, entrou na aula de filosofia.

Depois de tirar um momento para me recompor, segui para a entrada, onde vários pares de olhos se voltaram automaticamente para mim. Fui entrando, sentindo-me um pouco como Bridget Jones naquela chegada desastrosa.

A professora Ross me olhou com severidade, e fiz cara feia quando me aproximei de sua mesa, deixando sobre ela o programa de estudos do curso e retorcendo os dedos com profundo constrangimento. Ela fez um sinal para eu ficar ao seu lado no púlpito. Fiz o que ela pediu e levantei a cabeça diante da turma, que observava a novata britânica passar vergonha.

A professora apontou em minha direção e falou com seu sotaque inglês elegante, parecendo uma velha mestra de colégio interno com o terninho marrom de *tweed*, os cabelos grisalhos presos em um coque e os pequenos óculos de leitura.

— Eu gostaria de lhes apresentar Molly. Ela, como eu, também veio da Inglaterra, e concordou em fazer seu mestrado nesta excelente faculdade e continuar sendo minha assistente de pesquisa em um artigo que estou escrevendo para um periódico acadêmico, *além de* minha assistente nesta matéria. Eu já conheço Molly há alguns anos e não consegui pensar em ninguém melhor para passar este ano sabático nos Estados Unidos comigo. Como vocês logo vão descobrir, ela é uma jovem um tanto quanto excepcional.

A professora saiu para a lateral, fazendo um sinal com a mão para eu me dirigir à turma:

— Molly, por que não diz algumas palavras para seus novos colegas de

classe?

Eu respirei fundo e fui até o púlpito, levantando os olhos com cautela.

— Olá, pessoal. Como a professora Ross disse, eu me mudei da Inglaterra para o Alabama para estudar para meu mestrado em filosofia; pretendo fazer doutorado no ano que vem e conquistar meu objetivo final de me tornar professora universitária. — Passei os olhos pelas fileiras. Havia cerca de trinta pessoas no pequeno anfiteatro. — Amo filosofia da religião desde que me entendo por gente e estou feliz por estar aqui para ajudar a professora Ross nas aulas e seminários e tentar tornar o maravilhoso mundo da filosofia um pouquinho mais interessante! Ficarei feliz em responder qualquer pergunta sobre...

— Eu tenho uma.

Segui o som da voz que me interrompeu e ele me levou até a ruiva do corredor... que estava sentada bem ao lado de Rome.

— Por que você gostaria de ser professora de filosofia? Não acha que é certo desperdício de vida?

Eu estava acostumada com aquela pergunta.

— Por que não filosofia? Tudo na vida, na Terra, pode ser questionado... Por quê, como, como pode ser? Para mim, o mistério da vida e do universo é inspirador, a vastidão de perguntas sem resposta me deixa desconcertada, e adoro imergir na jornada acadêmica de estudiosos tanto antigos quanto novos.

Ela soltou uma risada.

— Quantos anos você tem, querida?

— Err... vinte. — Olhei com nervosismo para a sala, vendo vários olhos arregalados concentrados em mim.

— Vinte! E já está fazendo mestrado?

— Bem, sim. Eu entrei na universidade um ano adiantada. Terminei o ensino médio antes.

— Nossa, garota. Você tem que parar de ser tão séria e aprender a viver um pouco. A vida não é só estudar; é diversão. Relaxe um pouco! — Ela sacudiu a cabeça, perplexa, e seus cabelos compridos balançaram em perfeita harmonia com o movimento. — Juro que nunca vou entender garotas como você.

Vários alunos se movimentaram com desconforto nos assentos ao ouvir aqueles comentários diretos. A ruiva parecia satisfeita consigo mesma. Tenho certeza de que, na opinião dela, sua segunda tentativa de acabar comigo havia funcionado.

— Garotas como eu? — questionei com a voz apenas levemente alterada.

Um conjunto de dentes recobertos de caras facetas peroladas quase me cegou quando ela abriu um sorriso malicioso.

— Devoradoras de livros, nerds... aspirantes a *professoras*!

Estreitei os olhos em resposta, tentando manter uma atitude profissional, agarrando a madeira do púlpito diante daquela personalidade escrota, e rapidamente decidi mandar o profissionalismo à merda. Eu revidaria. Havia tido um dia péssimo até então – a noite seria pior –, então decidi me comprometer completamente a ter o pior dia do mundo.

— Acredito que estudo e conhecimento empoderam as pessoas, e não dinheiro, *status* ou as roupas de marca que você usa — eu disse com frieza.

— Sério? Você acredita mesmo nisso?

— É claro que sim. Abrir a mente a possibilidades desconhecidas e aprender como funcionam outras culturas, no que acreditam, dá às pessoas uma compreensão mais rica e holística da condição humana. A filosofia oferece respostas a uma série de questões. Por exemplo, por que algumas pessoas passam pela vida com facilidade, desprovidas de qualquer compaixão pelos outros? Enquanto outras – humanos bons, gentis e honestos – recebem um golpe após o outro, mas, de algum modo, encontram força interior para continuar? Você não acha que, se mais gente dedicasse tempo para ser conscienciosa com os problemas da humanidade, talvez o mundo fosse um lugar melhor?

A garota balançou o cabelo com nervosismo, sem resposta para minha pergunta, os lábios vermelhos apertados enquanto me encarava, aborrecida.

— É *por isso* que estudo em vez de encher a cara todas as noites. O mundo merece ter pessoas que pensam mais nas outras do que em si mesmas, que se esforçam para serem menos egoístas e superficiais. — Olhei feio para ela e anunciei em um tom de voz pseudoamigável: — Espero que isso ofereça a vocês

algum discernimento sobre os motivos de eu querer ser professora universitária. É quem eu sou, e tenho muito orgulho disso.

— Cacete! Agora aprende, Shelly! *Toma!* — murmurou uma voz masculina rouca, fazendo o resto da turma romper o pesado silêncio com risadas. Levantei a cabeça quando me dei conta de que aquilo tinha vindo de Rome, esparramado na cadeira, os pés para cima, rindo consigo mesmo, acompanhado do restante da turma. Uma profunda sensação de satisfação acomodou-se em meu estômago.

Shelly ficou boquiaberta e encerrou abruptamente a conversa, dizendo:

— *Não me importa!* Boa sorte para se enturmar por aqui agindo desse jeito!

A professora Ross me deu um tapinha no ombro e sussurrou em meu ouvido para entregar rapidamente o programa de estudos antes que a aula terminasse. Dava para notar que ela estava irritada com meu comportamento.

Tratei de pegar os papéis que estavam sobre a mesa de carvalho e comecei a entregá-los, um a um, pelas fileiras de alunos, enquanto a professora explicava os critérios de avaliação dos trabalhos, as regras e os padrões de suas aulas.

Cheguei à última fileira e imediatamente vi Rome me encarando, com um brilho inexplicável no olhar. Ele abaixou a cabeça, me cumprimentando com uma expressão séria. Abri um sorriso breve.

Shelly chegou mais perto dele sem tirar os olhos dos meus. A julgar pela posição do corpo dela – pernas dobradas tocando as dele, peitos grandes roçando no braço dele –, ela e Rome eram bem próximos.

Quando fui entregar a última folha para Shelly, ela me provocou:

— Belos sapatos, *Molly*. Todos os futuros professores de filosofia têm tanto bom gosto assim para moda? — Os alunos riram de mim.

Olhei para os meus Crocs baratinhos, vi as sandálias douradas estilo gladiador – certamente muito caras – dela, e soltei um suspiro triste pelo nariz.

Rome logo empurrou a perna dela para longe de sua coxa e disse:

— Chega, Shel. Por que você tem que ser tão cretina o tempo todo? — Sua observação também silenciou de maneira efetiva o restante da sala, e a postura de quem não levaria desaforo para casa fez com que a turma parasse de prestar atenção em minha estranheza e se encolhesse em seus lugares para evitar a

atenção indesejada dele.

Shelly cruzou os braços e ficou emburrada.

Rome ignorou aquela atitude fútil e voltou a olhar para mim, levantando o queixo.

— Você acredita mesmo no que acabou de dizer?

— Qual parte?

Ele se moveu com estranheza na cadeira, passando os dedos pelos cabelos loiros desgrenhados.

— Sobre a vida ser injusta. Sobre a filosofia explicar por que algumas pessoas têm de lidar com um monte de merda e outras não.

— Veementemente — respondi com uma certeza inabalável.

Ele concordou lentamente com a cabeça, levantando o lábio inferior, parecendo quase impressionado.

Eu me virei com premência nos passos e me sentei na cadeira atrás da mesa de assistente de professor na lateral da sala. Mantive a cabeça baixa enquanto a turma era dispensada.

— *Molly*.

Levantei a cabeça e vi a professora parada na minha frente, com expressão de censura no rosto enrugado.

— Pode me explicar o que acabou de acontecer? Isso não é do seu feitio.

— Suzy...

— Err, *professora Ross* na sala de aula, *Molly*. O que deu em você?

Franzindo o rosto, eu disse:

— Desculpe. Estou com muita coisa na cabeça no momento.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Ao ver seu olhar severo, enxerguei em seus olhos envelhecidos não apenas decepção com minha falta de profissionalismo, mas também uma ponta de preocupação.

Suspirei.

— Só tive um dia ruim. Nada além disso. Não vai acontecer de novo.

Suzy descruzou os braços, deixando de lado a repreensão ao meu comportamento.

— Não deixe pessoas como aquela jovem afetarem você. Nunca se desculpe por ser quem você é.

Abri um sorriso.

— Obrigada, professora. Lição aprendida. Ela só... sei lá... me atingiu por alguma razão.

— Eu percebi. Mas, da próxima vez, não dê importância. Apenas ignore. Concordei.

— Agora, por que não vai para casa?

— Obrigada, professora. — Peguei minha bolsa de couro marrom que estava pendurada na cadeira e saí da sala.

Rome estava no corredor, com os braços de uma loira magricela em volta de seu pescoço e o peito corado dela junto à camiseta vermelha do time de futebol americano, e tentava se livrar dela com uma expressão exasperada no rosto.

Paralisei, sentindo-me incrivelmente constrangida com a situação.

— Mas... mas... por que não? Você nunca me rejeita! — A loira lamentou enquanto soltava com relutância o pescoço de Rome, cruzando os braços e batendo o salto anabela cor de creme no chão, em protesto.

— As coisas mudam — Rome afirmou com frieza, afastando-a.

— *Mudam? Você?* Desde quando?

— Desde este exato momento, porra! Não preciso mais de você.

Com um grito de indignação, a loira foi embora, e Rome passou as mãos sobre o rosto, parecendo um tanto agitado, pressionando a testa com desânimo na parede.

Aproveitando que ele estava de costas e com a cabeça abaixada, passei por ele rapidamente e em silêncio, voltando a respirar apenas quando consegui atravessar despercebida.

Enquanto saía pela porta rumo ao ensolarado dia de verão, não consegui deixar de me sentir levemente decepcionada ao confirmar que Rome era, obviamente, um *daqueles* caras – jogador... responsável por partir corações... o típico *bad boy*, sem tirar nem pôr.

Com aquela aparência, não era de surpreender.

— Me diga *mais uma vez* por que estou desfilando com um lençol mal enrolado em meus peitos e em minha bunda quase expostos? — perguntei um pouco mais alto do que o necessário enquanto eu e minhas amigas nos dirigíamos à temível noite de iniciação na irmandade de *nossa* escolha.

Lexi parou imediatamente e me puxou pelo braço, para eu ficar de frente para ela.

— Porque eu *finalmente* vou me tornar líder de torcida, e esse é o jeito mais fácil de entrar! A vaca-mãe das líderes de torcida domina essa irmandade, e pretendo ficar amiga dela e usar isso a meu favor. Tentei por três anos sem estar em uma irmandade, e *nada*. Este é meu último ano para tentar, então pare de reclamar e vamos logo com isso!

— Eu já falei uma vez e vou falar de novo. Estamos velhas demais para essa merda! Somos todas veteranas – já estamos terminando a faculdade –, por que elas nos querem em seu grupinho?

— *Porque sim* — ela disse em tom exasperado. — Elas precisam cumprir uma cota de veteranos e alunos transferidos de outras universidades... somos nós! — Uma carranca se formou em seu rosto impressionantemente branco.

Lexi era uma gótica de um metro e cinquenta e três de altura – de corpo supermagro, cabelo preto curtinho, maquiagem totalmente branca e delineador preto nos olhos e no contorno dos lábios. Ela era a perfeita antítese do estereótipo de uma líder de torcida, mas tinha um sonho estranho de um dia ficar no topo da pirâmide em um jogo de futebol americano.

Eu, sua colega de quarto, havia sido arrastada para dar apoio. Bem, eu e Cass, a espalhafatosa texana loura de cento e trinta quilos que vinha logo atrás, mapeando os garotos que gostaria de devorar naquela noite. Como sempre, Cass usava seu chapéu branco e botas de caubói de couro preto, juntamente com a toga justa exigida pela irmandade – que parecia uma fronha de travesseiro – em que ela havia entrado.

Ao olhar para nós três juntas, não pude deixar de pensar que não éramos exatamente do tipo que combinaria com as beldades lindas e atléticas do Sul que nos esperavam do outro lado da grande porta branca.

Na primeira semana de minha estada aqui (a semana de recrutamento), fomos abordadas por uma morena impaciente. Semanas de seleção se passaram, e nos disseram para comparecer naquela noite para a iniciação oficial.

Lexi viu isso como uma mensagem divina de seu Deus todo-poderoso adorador da atividade das líderes de torcida.

Eu vi com uma punição cruel e incomum.

Cass parou na nossa frente e perguntou:

— E aí, gatas? Vamos para essa parada ou o quê? Quero ver qual carne de primeira está sendo oferecida. O taco da mamãe aqui precisa de um bom recheio. — E ela deu um tapa na virilha para enfatizar seu argumento.

Quando cheguei, um mês antes, fui imediatamente alojada em um apartamento da universidade dentro do campus, e o único quarto disponível era com essas duas meninas. Eu as adorei instantaneamente – nada de afetação e frescuras, e completamente orgulhosas de sua identidade. Elas me acolheram sob suas asas sulistas e nos demos bem de imediato. No entanto – ao conhecer aquelas boas moças – eu *não* me dei conta de que o lema “uma por todas e todas por uma” que havíamos adotado me levaria a vestir algodão de péssima qualidade comprado no Walmart, tudo para ajudar minha amiga, rainha da beleza emo, a conquistar sua fantasia com pompons.

Eu tinha passado de uma vida de solidão, em que ficava dezoito horas por dia na biblioteca, e jantares servidos à inglesa em Oxford, para a experiência de vestir um lençol que deveria remeter às vestimentas da Roma Antiga.

Mas não remetia.

Nem de longe.

Cass tirou uma garrafinha de bebida de alguma dobra escondida em sua toga justa e deu um longo gole.

— Uhu! Sinta queimar, querida! — ela gritou, inclinando-se para trás e batendo na coxa volumosa. Ela passou a língua nos dentes, eliminando qualquer gota restante, e passou a garrafinha primeiro para Lexi, que, depois de engolir,



fez uma dancinha, gritando e sacudindo os braços, e depois a entregou para mim. Dei um minúsculo gole hesitante e senti meus olhos caírem do rosto.

— Afff, Cass! Como você consegue beber isto? — Cuspi enquanto passava as mãos pela garganta, tentando aliviar a queimação. Cass tinha transformado uma parte de seu banheiro em uma destilaria clandestina. Ela amava aquela coisa.

— Você está de brincadeira? É como tomar o leitinho da mamãe, e eu adoro o *baraaaaato*... — ela alongou a palavra, tremendo como se uma corrente elétrica passasse sob sua pele — ... que isso dá. — Depois tirou o fumo de mascar de uma bolsa escondida e o enfiou atrás do lábio inferior.

Revirei os olhos diante de suas palhaçadas e devolvi a garrafinha. De braços dados, seguimos para as profundezas do inferno.

\* \* \*

A entrada da Delta Épsilon Ni Ômega... Beta... Pi... Capa... — quem se importa? — era gigantesca. Uma grande escadaria de carvalho dominava a entrada da imponente mansão de tijolinhos, e os lustres que pendiam do teto pareciam pertencer ao Palácio de Versalhes.

Fomos conduzidas como gado pelas companheiras da irmandade a uma grande sala nos fundos. As candidatas ficaram superempolgadas ao ouvir que logo conheceriam a presidente. Fiquei surpresa ao ver como uma única pessoa era capaz de causar tanto frenesi.

As companheiras da irmandade nos disseram para ficarmos quietas, e com um dramático rufar de tambores, cortesia de uma delas, que batia com as mãos sobre a mesa, a presidente passou pelas portas de maneira teatral para dar continuidade à noite.

Fiquei instantaneamente tensa. Era Shelly, toda arrumada, com um vestido amarelo bem justo.

— Bem-vindas, candidatas. Vocês todas estão aqui esta noite para participar da iniciação final desta respeitada irmandade de primeira classe. Todas que estão nesta sala farão parte de uma irmandade acolhedora e de uma família enquanto estiverem aqui na faculdade e pelo resto da vida. — Ela começou a

andar de um lado para o outro diante da multidão. — A noite de hoje é para vocês se divertirem. Mas, antes de darmos início à festa, decidimos dar a vocês uma pequena tarefa... para provarem o quanto realmente querem estar aqui.

Tive um mau pressentimento ao ver o sorriso presunçoso no rosto dela.

— A tarefa é bem rápida e fácil — ela afirmou, parando ao lado de uma mesa coberta com um lençol preto. Com uma risadinha, puxou o lençol, revelando a surpresa que havia sob ele: fileiras e mais fileiras de vendas.

Shelly pavoneou-se diante de todas nós, com os olhos pequenos e brilhantes analisando cada uma de suas vítimas, e eles se apertaram um pouco quando recaíram sobre mim.

— Nossa, Molly. O que é isso? Achei que você não achasse essas coisas *divertidas*. Ou talvez você pense que entrar em uma irmandade vai ajudá-la a entender melhor a *condição humana*?

Fechei os olhos e inspirei lentamente pelo nariz, ignorando os olhares questionadores de Cass e Lexi.

Eu não gostava nem um pouco daquela garota.

Com um sorriso presunçoso e uma risada harmônica, Shelly continuou:

— Para a tarefa de iniciação, usaremos colegas da fraternidade associada à nossa. Vocês serão vendadas e terão que beijar – *de língua* – um companheiro da fraternidade e adivinhar o que ele acabou de comer. Não é muito para demonstrar seu comprometimento, e todos vamos rir muito com isso. — Ela jogou os cabelos dignos de comercial de xampu na cara das outras companheiras da irmandade, que responderam com risadinhas.

*Cretina.*

Não gostei da ideia.

Peguei no braço de Lexi e me aproximei.

— Achei que tivesse dito que os trotes estavam proibidos devido a um escândalo recente ou algo do tipo. Veja essas vendas. Vamos ser completamente humilhadas – isso se qualifica como trote, droga! Não posso fazer isso, Lexi. Essa não é minha praia.

Lexi me atingiu com seus olhos de cachorrinho delineados de preto.

— *Por favor, Molls. Por mim? Não é exatamente um trote ruim; é só beijar um*

cara, pelo amor de Deus!

Abaixei a cabeça e resmunguei. Não adiantaria discutir com ela. Ela só começaria a choramingar de novo, fazendo eu me sentir culpada.

— Você me deve uma!

— Andem até a mesa e peguem uma venda. Vamos colocar vocês em fila e chamar os meninos — Shelly disse, divertindo-se profundamente à nossa custa.

Fizemos o que ela mandou, e, depois de alguns minutos, ouvi a porta se abrir e vários pares de pés entrarem na sala. Senti alguém parar na minha frente e quase vomitei com o fedor. Ele exalava um odor forte de álcool e suor pútrido por todos os poros.

Nojento.

— Quando eu bater no ombro de vocês, beijem-se, adivinhem a comida corretamente e estarão dentro. Simples — Shelly informou em tom alegre.

Dava para saber que eu estava no fim da fila, porque quando coloquei a mão para trás senti apenas ar.

Eu seria a última candidata a fazer o teste.

O som característico de línguas e garotas fazendo adivinhações preencheu a sala, e o coro de companheiras da irmandade soltando risadas maliciosas vinha de todos os lados.

Senti meu pulso acelerando de apreensão e nervosismo, e minhas mãos ficaram agitadas, deixando transparecer o pânico crescente.

O tempo pareceu parar quando minha vez se aproximou. O cara da fraternidade cheirava... *mal*. Mas eu faria aquilo por Lexi.

Um leve toque em meu ombro indicava que havia chegado a minha vez. Eu me preparei e me inclinei para a frente, sentindo apenas uma corrente de ar passando sobre minha cabeça e uma batida alta vindo da lateral, além de risadas masculinas ecoando ao meu redor.

— Sai, Macmillan. Acho que está no meu lugar — alguém disse lentamente.

— Ah, n-não, Ca-Ca-Canhão! A Shelly falou... falou... — *Macmillan* disse do chão, quase incoerente.

— Não ligo a mínima para o que ela falou. Vá arrumar uma maldita bebida, desmaie por aí ou algo do tipo, entendeu? — O tom de ameaça na voz do tal

“Canhão” estava bem claro.

— Entendi. Entendi, cara.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo ou de quem estava brigando para me beijar. Esse dia estava ficando mais estranho a cada segundo.

— Espere! O Mac tem que... — Shelly gritou.

— Cale essa boca, Shel. — O tom dele não deixava margem para discussão, e Shelly ficou em silêncio.

Eu estava ocupada roendo a unha do polegar – um tique nervoso que adotava em situações desconfortáveis – quando o novo garoto da fraternidade parou na minha frente, com um cheiro mil vezes melhor do que a pessoa anterior: verão, sabonete e hortelã. Era familiar. Reconfortante. Atraente.

Sua mão grande e calejada tirou meu polegar da boca e o colocou sobre uma cintura firme. Meus dedos tatearam o tecido parecido com algodão que cobria seu torso, identificando sob a roupa os sulcos formados por músculos rígidos e abdominais definidos. Estar com os olhos vendados era definitivamente um despertar sensorial; o olfato, o tato e a audição ficavam muitos mais apurados.

Mãos seguraram os dois lados de meu rosto, e pude sentir o momento em que ele começou a se mover em minha direção, acariciando repentinamente meus lábios com os seus, de maneira provocativa e suave.

Sem aviso, meu captor soltou um resmungo frustrado, deixando de lado qualquer gentileza, e sua língua ávida e úmida invadiu minha boca, duelando com a minha, lutando por controle. Cedi com prazer. Não havia outra opção.

Eu nunca tinha sentido nada parecido.

A cada segundo que se passava, o beijo ficava mais frenético, mais intenso, e eu podia sentir com nitidez o sabor refrescante de hortelã. Podia senti-lo em toda a boca, em cada canto, e pela superfície dos lábios grossos dele.

De repente, interrompi a lascívia e me lembrei de onde estava – em uma sala cheia de gente –, e, antes que me perdesse completamente para seu toque, recompus meus pensamentos e, relutante, rompi a conexão.

Retirei a língua primeiro, segurando nos pulsos dele, e suas mãos continuaram fixas nas laterais de meu rosto. Afastei os lábios, mas passei a língua sobre as beiradas para desfrutar do restante de seu sabor, soltando um

gemido de satisfação.

Tentei recuperar o fôlego e notei que, pela primeira vez, a sala estava totalmente silenciosa.

Meu captor ajustou as mãos em meu rosto, como um tornilho inflexível e dominador, e seu hálito quente e doce tocou minhas bochechas em arquejos rápidos e rasos.

Pigarreei e anunciei em voz baixa:

— É hortelã. O sabor na boca dele é...

Minha resposta foi interrompida por um gemido baixo, e os lábios do garoto da fraternidade voltaram a se chocar com os meus com muito mais entusiasmo do que antes, colocando imediatamente a língua de volta em minha boca.

Cabelos macios, com cheiro de madeira e floresta, fizeram cócegas no meu nariz quando ele encostou o rosto no meu a ponto de machucar. Ele suspirava a cada movimento com a língua e ia mais a fundo, como se estivesse devorando a melhor sobremesa do mundo – eu não podia fazer nada além de retribuir.

Levantei as mãos para envolver seus cabelos – longos e macios – e os enrolei em meus punhos, suscitando um murmúrio travesso enquanto lutávamos para nos aproximar ainda mais.

Não faço ideia de quanto tempo durou o beijo, mas achei que meu coração ia saltar do peito.

Ele controlava, eu obedecia, e ambos nos deleitávamos nos braços um do outro.

No instante em que senti uma das mãos dele passar pelo meu pescoço, alguém me puxou pelo ombro, e a mão que aninhava meu rosto vacilou.

— Chega! O que é isso, Rome? Solte ela, agora! — Shelly gritou, com uma voz que lembrava unhas arranhando um quadro-negro.

A venda foi arrancada de meus olhos, e, quando a cobertura escura caiu, Rome estava diante de mim – tipo, bem na minha frente, quase nariz com nariz. Ele vestia as mesmas roupas de antes, ignorando o chique de Shelly ao lado e olhando fixamente para mim com uma expressão de desejo primitivo.

— Ei, Mol — ele disse com a voz rouca, o tempo todo alternando o olhar entre meus olhos e meus lábios inchados.

— Ei, você... — sussurrei em resposta, incapaz de encontrar outras palavras em meu cérebro esgotado.

Rome se aproximou mais uma vez, como se a gravidade nos atraísse, e levantei instintivamente o queixo em resposta. Shelly alcançou o braço de Rome, puxando-o por vários metros, mas ele não interrompeu nossa pequena competição para ver quem desviava os olhos primeiro.

— *Ei!* — ela soltou um grito agudo e deu um tapa na cara dele com força considerável. Aquilo chamou sua atenção e suscitou suspiros espantados de todos na sala.

Depois de soltar as mãos do meu rosto, Rome agarrou Shelly pelo pulso, com cuidado, mas com firmeza, e falou entre dentes, com um terrível olhar de desdém no rosto:

— Não encoste a mão em mim, caralho. Nunca mais.

Shelly arregalou os olhos diante daquele alerta hostil e ameaçador, enquanto os outros olhavam para mim como se eu fosse um experimento de ciências que dera errado.

— Era hortelã — anunciei, e Shelly virou a cabeça na minha direção. — Rome estava com gosto de hortelã. Era isso que você queria, não era, nesta tarefa de iniciação ridícula? — Até a meus próprios ouvidos minhas palavras soaram extremamente frias enquanto eu encarava Shelly, tentando desfazer o clima tenso que havia recaído sobre a sala.

O olhar firme e zangado de Rome estava focado no meu, e perdi o fôlego por um instante. Ninguém nunca tinha feito eu me sentir daquele jeito, e comecei a entrar em pânico ao perceber a estranha atração que sentia por ele.

Ele apertou os lábios e dilatou as narinas, como se pudesse sentir o cheiro de minha intensa atração.

— Ela está certa. Acabei de mascar um chiclete.

Soltando o braço das mãos firmes de Shelly, Rome a empurrou, virou-se rapidamente e saiu da sala, batendo a porta com força.

Depois de vários segundos de tensão, os outros garotos da fraternidade fizeram o mesmo que ele, e aquilo deixou as candidatas boquiabertas e as companheiras da irmandade olhando para mim com uma mistura de sorrisinhos

impressionados e expressões de espanto.

Lexi e Cass se aproximaram rapidamente, irradiando empolgação em seus amplos sorrisos. Lexi segurou a minha mão e apertou.

— Molly, você sabe quem era aquele?

— Sei, era o Rome. Eu o conheci hoje cedo. Ele está na minha turma de ética e filosofia.

Cass bufou.

— Ah, sim, é o *Rome*, mas ele não é *apenas um aluno*, Molls.

— *Certo. E...?* — respondi, confusa.

Lexi se aproximou.

— Molly, ele está no último ano e, só para você saber, é *completamente* inatingível. Ele é reservado, todo taciturno e misterioso, mas, *o mais importante*, ele é o *quarterback* titular do Tide!

— Estatísticas oficiais: um metro e noventa e cento e seis quilos de puro músculo! — Cass acrescentou, empolgada.

— Ele é o quê? De quem?

Cass recuou e colocou as mãos sobre o peito, como se eu tivesse acabado de xingar o papa.

— Ele é o *quarterback* titular do Crimson Tide.

— Ah, notei que isso estava escrito na camiseta dele. É um time de futebol americano, certo?

— Certo? *CERTO?* Não tem futebol na Inglaterra?

— Tem, mas é do tipo que se joga com uma bola *redonda*. Além disso, temos rúgbi, críquete, tênis. Não jogamos futebol americano, pelo menos não profissionalmente.

— Minha nossa... Não consigo imaginar a vida sem futebol. Sem os churrascos no estacionamento antes do jogo, barraquinhas de cachorro-quente. A vida seria insuportável.

— Fui criada por minha avó em uma pequena cidade mineradora no norte da Inglaterra. A ideia que ela tinha de diversão era tricotar cachecóis e jogar xadrez. Depois fui para Oxford, onde estudava vinte e quatro horas por dia para me formar. Sinto muito se o futebol não tem um papel muito importante na minha

vida! — Tentei brincar, mas senti a velha ansiedade crescendo dentro de mim ao simplesmente mencionar minha antiga vida. Eu a abafei antes que tomasse conta de mim.

Lexi fez um gesto de desprezo com a mão.

— Tudo bem, nós vamos te atualizar. Romeo Prince é o *quarterback* titular do Tide – o time de futebol aqui da Universidade do Alabama – e certamente vai para a NFL, a liga nacional de futebol americano, no fim do ano. Por duas vezes foi esperado que ele fosse para o *draft*, o período de contratação dos melhores jogadores do futebol universitário pela NFL, mas por algum motivo ele resolveu ficar e terminar a faculdade antes de fazer sucesso. Você, Molly Shakespeare, acabou de beijar em público o cara mais desejado da faculdade. Um cara que nunca se compromete com ninguém. Um cara de quem os outros caras morrem de medo e por quem as meninas dariam, sem pestanejar, um dos pulmões.

— É, sua sortuda! — acrescentou Cass, dando um soquinho de leve em meu braço.

Meu rosto sem expressão deve ter indicado que eu ainda não estava entendendo o verdadeiro impacto do que tinha acabado de acontecer.

Cass revirou os olhos de maneira dramática.

— Vou explicar de um jeito que você possa compreender. Você, Kate Middleton, acabou de beijar o príncipe William da Universidade do Alabama e possivelmente de todo o futebol americano universitário.

A ficha finalmente caiu.

— Então Rome é meio famoso por estes lados? — O enorme sorriso delas me mostrou que era muito mais do que eu imaginava. — Romeo Prince. Ele é um pouco intenso, não é? — afirmei em voz baixa, lembrando de seu gosto singular e viciante, de suas mãos possessivas em meu rosto e de seus gemidos profundos de satisfação.

— Intensamente pegável! Você tem que ver como ele é no campo de futebol... *Minha nossa, é demais!* Ele perde a calma com frequência, sai dando porrada quando alguém fica em seu caminho, mas as meninas meio que gostam desse comportamento instável, e ele é extremamente sexy – tem músculos definidos, é lindo, bronzeado. Merda, quase gozei só de pensar nele! — Fiz cara feia para a



grosseria de Cass. Ela simplesmente sacudiu a cabeça e me ignorou. — Mas ele não conseguia largar de você, garota! Achei que fosse rasgar suas roupas ali mesmo! Quase decapitou o Mac quando ele ia te beijar. Quando Rome empurrou ele no chão, o olhar assassino em seu rosto estava bem assustador. Fiquei arrepiada! — Ela levantou o braço e o esfregou para demonstrar.

Franzi a testa enquanto absorvia o que ela havia dito.

— Romeo Prince — murmurei, perdida em meus próprios pensamentos. Ele havia me beijado com tanto desespero, com uma necessidade tão bruta, que mexeu com algo desconhecido dentro de mim.

— É, e Molly Shakespeare... *ei!* Romeo e Shakespeare! Isso não é hilário? — disse Cass, empolgada, quase fazendo sua toga cair e mostrar partes de seu corpo que eu não gostaria de ver.

— Meu Deus! É o destino! — Lexi riu, colocando a mão pequena sobre a boca.

Shelly escolheu aquele momento para aparecer na minha frente, encarando-me com seus olhos azuis.

— Saia desta casa imediatamente, sua... sua... *vadia!* — ela vociferou, acertando meu rosto com saliva.

Tirei os óculos e limpei o líquido asqueroso com a ponta da toga.

— Com prazer. Não preciso disso, mesmo. Vir aqui foi um erro *imenso*. Cass, Lexi, sinto muito, mas essa *festinha de amor e irmandade* não é para mim mesmo. Vejo vocês em casa.

Eu precisava me distanciar dessa garota horrível e parar de tentar ser algo que eu não era. Eu havia tentado, por minha amiga, e era aquilo que importava. Só precisava me esquecer desse dia inteiro. No dia seguinte tudo voltaria ao normal.

Cass assobiou usando os dedos e chamando a atenção de todas.

— Ela está dentro, Shelly. Ela beijou um cara e adivinhou o que ele tinha comido. Não venha me dizer que não, todo mundo viu. Nossa, a Molls estava vendada, porra! Não foi ela que foi atrás dele. — Ao ouvir isso, ela cruzou os braços, com um olhar ameaçador no rosto.

A fachada dura de Shelly desabou por um instante. Eu não podia culpá-la;

também tremaria se fosse alvo da ira de Cass.

— Não era para ela beijar ele! Era para ele ser meu! — Shelly gritou para suas companheiras da irmandade, que simplesmente olhavam para ela com variadas expressões de indiferença.

— Acho que você sabe bem que foi *ele* que beijou *ela*... duas vezes — anunciou uma morena belíssima que piscou para mim enquanto saía do fundo da sala e vinha em minha direção.

Ela colocou a mão em meu ombro.

— Ela está dentro. Não conteste, ou vai perder, Shelly — ela disse com um sorrisinho de satisfação no lindo rosto. — A culpa é sua por obrigar as candidatas a fazerem essa merda todo ano, só para você e suas lacaias se divertirem à custa dos outros. Só que desta vez o tiro saiu pela culatra e acertou você. Não é uma pena?

Shelly passou por mim irritada, mas não sem antes apontar o dedo para o meu peito.

— Fique longe dele ou você vai ter problemas, está ouvindo? Você não sabe com quem está mexendo, *não faz a menor ideia*. — Ela bateu a porta ao sair da sala.

Seguiu-se um silêncio mortal.

A morena se dirigiu às candidatas.

— Parabéns! Vocês agora fazem parte desta *fantástica* irmandade – que sorte! Os barris de chope estão no pátio. Divirtam-se.

As candidatas saíram da sala em fila, com sorrisos de felicidade, deixando Lexi, Cass e eu com a beldade de pernas longas. Ela usava um vestidinho curto vermelho e tinha pele morena, cabelos escuros que iam até o meio das costas e olhos castanho-escuros. Era linda. Do nível de uma supermodelo.

Ela foi até mim e se apresentou com um sorriso iluminado.

— Peço desculpas pela Shelly. Ela sempre deixa o poder subir à cabeça em eventos como este e ficou totalmente insegura com a calorosa demonstração pública de afeto entre você e meu primo.

— Primo? — perguntei.

Ela riu.

— É, o Rome é meu primo. Mais como um irmão, na verdade. Sou Ally Prince. Shelly queria namorar com ele desde que tínhamos, tipo, uns dez anos. Apenas a ignorem. É o que eu faço.

— Ela pareceu meio possessiva demais com relação a ele.

Ally gargalhou.

— Não sei o motivo. Eles nunca namoraram oficialmente. Só ficavam às vezes no passado, embora Shelly pareça nunca ter entendido que isso já era. Rome não é exatamente do tipo monogâmico – ele só dá atenção a ela porque o pai dela e o pai dele são sócios. Ela é exatamente como os pais dele gostariam que sua futura esposa fosse. Os endinheirados costumam ficar juntos por estas bandas. Os pais dos dois já agem como se eles estivessem noivos.

Meu coração se despedaçou um pouco com aquela informação. Ele estava destinado a se casar com *ela*?

Ally esticou o braço e tocou meu ombro, com uma expressão exagerada de ânimo.

— Nunca vi ele agir daquela forma, menina. Nem a Shelly. Por isso ela está surtando. Até eu achei que foi ardente, e sou prima dele e não curto incesto, que fique bem claro! — ela brincou.

Ally enlaçou o braço no meu.

— Vamos pegar uma cerveja. Estou sentindo que vamos nos tornar boas amigas, srta. Molly, mesmo que seja só para eu te ver torturar a Shelly. Além disso, vou te indicar para um dos quartos da casa, e suas amigas também. Só restam alguns, mas se você se mudar para cá, Shelly vai ficar constantemente irritada, e meu ano vai ser muito mais empolgante.